

Elas não são o que a gente pensa ⁽¹⁾

Noticias, opinião e análise, 05.04.2018, pág 21, ed 30. 326

JÓAQUIM MUCHANESSA NHAMPOCA*

OS casamentos prematuros ou uniões forçadas, a par das gravidezes precoces (na adolescência) constituem, hoje, a questão de voga no país e além fronteira. Trata-se de uma preocupação não apenas resultante das suas consequências práticas, como também do facto de constituírem uma flagrante violação dos direitos da criança consagrados nos instrumentos legais nacionais, regionais e internacionais. Assim, proponho fazer uma reflexão baseada em trabalho de campo, no âmbito da pesquisa que tenho vindo a realizar sobre a matéria.

A minha reflexão irá gravitar em torno de vinte variáveis, nomeadamente, a infância, abandono escolar, papel dos ritos de iniciação, namoro, sexualidade, métodos anti-conceptivos, suspeita de gravidez, comportamento adolescente, medo e proteccionismo, cometer aborto, não ao aborto, maturidade, posição própria (vingança), casamento prematuro, rejeição, suporte, maternidade precoce (problemas de saúde), conselheiras, mudança de comportamento e perspectivas (sonhos).

1. Infância. Algumas raparigas vivendo maritalmente, mães solteiras ou gestantes ainda crianças, tiveram uma infância conturbada, com cenários de violência na família, separação dos pais, orfandade ou abandono pelos pais, mudança frequente de escola e/ou local de residência (meio rural e urbano) por vários motivos. O que analisado num exercício de imaginação sociológica, pode nos levar a inferir que a gravidez precoce e/ou o casamento



sistem de ir à escola por causa da violência na família, gravidez, do bebé (falta de alguém para ficar com o bebé), imposição do marido e falta de diversos meios – pobreza. Portanto, o abandono escolar pode precipitar a gravidez precoce, assim como o casamento prematuro. De igual forma, a gravidez precoce e o casamento prematuro podem ser a causa do abandono escolar.

sexualidade, trabalhos domésticos, papel de mãe, esposa e dona de casa (com a função de integração e coesão social). No contacto dos casamentos prematuros e maternidade precoce, os ritos de iniciação não são necessariamente uma relação de causa-efeito. Contudo, em algumas circunstâncias influenciam.

4. Namoro. O namoro começa como uma brincadeira resultante

aos casamentos prematuros devem privilegiar abordagens proactivas nas escolas (educação) e nas comunidades, sublinhando a idade do namoro, significado de namoro, casamento e suas consequências práticas, direitos sexuais e reprodutivos, direitos da mulher, etc.

5. Sexualidade. O sexo e os ensinamentos sobre sexualidade dados nos ritos de iniciação mostraram

chegando a dizer “não posso falar, não tenho coragem”. Isto mostra, no geral, que a sexualidade ainda constitui tabu, comprometendo e vedando o pleno gozo dos direitos sexuais e reprodutivos. Muitas raparigas são ensinadas a “tratar bem” o homem, a alongar os lábios vaginais, mesmo reconhecendo a dor que isto causa.

6. Métodos anti-conceptivos. Raparigas há que abandonam o uso de anti-conceptivos devido aos efeitos colaterais que estes causam, em particular a pílula. Outras ainda não usam, por causa das representações sociais ou concepções que se têm do uso dos “comprimidos”, designação usada em algumas comunidades para se referir, de forma genérica, aos anti-conceptivos, com destaque para as pílulas. Das representações sociais pode-se apontar o facto de algumas pessoas acreditarem que o uso de anti-conceptivos antes de ser mãe, torna a mulher estéril.

7. Suspeita de gravidez. A partilha de informação sobre a suspeita de gravidez é confiada às amigas ou às mães, em primeira linha. É a estas pessoas que contam a demora do ciclo menstrual. Como teste de gravidez, aguardam por mais um ou dois meses, pois, usam a teoria da variação das datas da ocorrência do ciclo menstrual. Daí notificam o visado (namorado/amigo) para a decisão (entre assumir ou cometer aborto) antes de se informar aos pais. Como sugestão, os grupos de par e/ou pais e encarregados de educação devem ser envolvidos nas palestras sobre a saúde sexual e reprodutiva e a necessidade de conversar com os filhos sobre a sexualidade.

8. Comportamento adolescente. Reconhecem a gravidez precoce como consequência da ingenuidade, dos erros do passado e a não obediência aos pais ou pessoas à sua guarda. A adolescência é, sem dúvidas, a fase mais complicada em termos comportamentais. Uma fase

Elas não são o que a gente pensa (Concl.)

JOAQUIM MUCHANESSA NHAMPOCA*

Notícias, opinião e Análise, 06.04.2018, Pág 29, ed 30.327

9.MEDO e protecclonismo. Elas escondem o dono da gravidez pelo medo do que as outras já passaram no lar, como a violência doméstica e a rejeição. Por outro lado, a incerteza e/ou ausência de concordância com os respectivos amigos/namorados quanto à responsabilidade que deriva da gravidez, também, está na origem do medo e protecclonismo.

10.Cometer aborto. Decidem cometer o aborto por desespero ou por obrigação do parceiro. O desespero paira nelas, porque a gravidez, não apenas, é indesejada como também acontece na adolescência e em momento de brincadeira como se referem. O medo de encarar os pais, a fuga de responsabilidade do autor da gravidez ou o desconhecimento do verdadeiro dono levam à intenção ou mesmo o cometimento do aborto.

11.Não ao aborto. Preferem sustentar a gravidez sozinhas que arriscar um aborto pelo facto de o parceiro se recusar em assumir a gravidez ou porque os pais não aceitam ou instam ao aborto. Uma preferência/atitude que não as leva à problemas

de saúde resultante do aborto e nem a um acto punível nos termos da lei.

12.Maturidade. Para algumas adolescentes, os ritos de iniciação produzem um sentimento de maturidade e o desejo de ser esposa e mãe – (percepção comum em algumas comunidades).

13.Posição própria (vingança). Preferem cuidar dos filhos sozinhas que forçar a relação e serem acusadas de privar a vida de alguém. Elas são de opinião de que a gravidez e assumir a responsabilidade são algo consensual e não resultado da pressão que o namorado/amigo passa por parte dos familiares dela para que esse se encarregue do filho e da futura esposa.

14.Casamento prematuro. Para algumas raparigas entrevistadas, casar-se prematuramente é uma estratégia para evitar se envolver com muitos homens e não reconhecer quem as engravidou. Outras se casam para se livrar da violência na família ou em busca de sustento/amparo. Outrossim, o facto de a rapariga aparecer em casa já grávida faz com que ela seja rejeitada pelos pais ou familiares,

sendo por isso encaminhada para casa do namorado para que este se encarregue dos sustos resultantes.

15.Rejeição. A gravidez e o casamento prematuro motivam a sua rejeição pelos pais, familiares e amigos. Por vezes, as relações ficam crispadas. Como muitas se referiram, elas são chutadas ou mandadas embora de casa.

16.Suporte. Elas reconhecem e agradecem o apoio prestado nos momentos mais críticos da gravidez e pós-parto. Os pais, em particular as mães, aparecem como aqueles que mais suporte deram. Diferentemente dos tios paternos cuja medida, quando tomam conhecimento da gravidez das sobrinhas, é aconselhar os pais para que as mandem embora de casa e considerá-las, nalgumas situações, de vadias por terem-se engravidado sem marido.

17.Maternidade precoce (problemas de saúde). Algumas mães adolescentes entrevistadas disseram ter tido complicações de parto como desmaios, necessidade de transfusão de sangue, terem apanhado pontos e cesariana. A este conjunto se as-

sociam as fistulas obstétricas, baixo peso dos filhos, assim como a morte dos filhos semanas após o nascimento.

18.Conselheiras. A experiência da gravidez ou casamento prematuros tornam-nas conselheiras das outras adolescentes, de modo a que não cometam os mesmos erros. Vezes sem conta consideram que a sua experiência de ter engravidado muito cedo e terem-se tornado mães e esposas comprometeu a sua educação e seu futuro, perpetuando os níveis de pobreza e sofrimento.

19.Mudança de comportamento. A situação em que elas se encontram lhes ajuda a reflectir sobre o seu comportamento e se definir como indivíduo.

20.Perspectivas (sonhos). Continuar os estudos e/ou fazer negócio para superar as dificuldades e carências da vida, viver maritalmente para o caso das mães solteiras, costumam ser os grandes sonhos que elas carregam. Acima de tudo, não repetir os erros da adolescência.

***Sociólogo e Mestre em Saúde Pública**